

Corpoetizar: reflexões sobre mimese poética da palavra

Raquel Scotti Hirson

LUME/UNICAMP

Palavras-chave: mimese, corpo, poesia

Procuro, neste trabalho, encontrar suportes teóricos para conceituar aquilo que venho desenvolvendo na prática de criação de ações físicas e que chamo *mimese poética da palavra ou recriação da poesia no corpo*. Este é o tema de minha pesquisa de Doutorado, em andamento no Instituto de Artes da UNICAMP, sob orientação da Profa. Dra. Suzi Frankl Sperber.

Tomemos dois exemplos:

O primeiro, retirado do livro de minha autoria *Tal Qual Apanhei do Pé*, é o relato de minha impressão a respeito do meu primeiro encontro com Seu Mané Torto, de Jaraguá (GO), quando o conheci em 1993 enquanto buscava conhecer histórias de nosso povo e quem as conta.

Estávamos diante de um *matador de lobisomem. Matador de caipora. Matador de “coisa ruim”*. [...] Todos já ouviram falar, alguns já viram, mas somente ele os enfrentou cara a cara e eliminou. Sujeito de grande coragem, movido a cachaça e, paradoxalmente, doce e ríspido. Contou-nos em pormenores histórias diversas de seres da floresta. As cenas eram verdadeiras; iam passando em sua mente como em um filme que ele viveu. [...] Sua casa era um barraco, talvez parte de alvenaria, parte de madeira, entulhado de ferramentas por todos os lados e muita bagunça e sujeira. Na frente, pedaços de madeira e de carroças destruídas e inacabadas. Oficina, quarto e cozinha se misturavam em um ambiente hostil aos meus olhos. [...] Seu Mané estava disposto a nos contar histórias por toda a madrugada e ainda revelar seus mais poderosos benzimentos, capazes de estancar sangue ou parar chuva (HIRSON, 2006: 121).

O segundo, uma poesia do poeta simbolista mineiro da virada do século XX, Alphonsus de Guimaraens que, além de meu bisavô e, muito em função do que carrego de memória pelo laço familiar, é o autor escolhido para minha investigação sobre a recriação da poesia no corpo.

A Catedral

*Entre brumas, ao longe, surge a aurora.
O hialino orvalho aos poucos se evapora,
Agoniza o arrebol.
A catedral ebúrnea do meu sonho
Aparece, na paz do céu risonho,
Tôda branca de sol.*

E o sino canta em lúgubres responsos:

"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

*O astro glorioso segue a eterna estrada.
Uma áurea seta lhe cintila em cada
Refulgente raio de luz.
A catedral ebúrnea do meu sonho,
Onde os meus olhos tão cansados ponho,
Recebe a benção de Jesus.*

*E o sino clama em lúgubres responsos:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"*

*Por entre lírios e lilases desce
A tarde esquiva: amargurada prece
Põe-se a lua a rezar.
A catedral ebúrnea do meu sonho
Aparece, na paz do céu tristonho,
Tôda branca de luar.*

*E o sino chora em lúgubres responsos:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"*

*O céu é todo trevas: o vento uiva.
Do relâmpago a cabeleira ruiva
Vem açoitar o rosto meu.
E a catedral ebúrnea do meu sonho
Afunda-se no caos do céu medonho
Como um astro que já morreu.*

*E o sino geme em lúgubres responsos:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"
(GUIMARAENS, 1960: 289)*

O encontro com a poesia-vida de Seu Mané Torto abre uma fissura no cotidiano e me transporta para um fluxo intensivo de vida poética naquele espaço entulhado de ferramentas – sua casa. Ele em si poesia cotidiana de devires¹ imanentes de bicho, caçador, santo ou masoquista. Ele não representa seus modelos, ele vive em intensidade de sensações seu fluxo de devires e isso o fez foco de meu olhar.

Ora, o artista cria sua obra a partir daquilo que lhe salta aos olhos, ou seja, recria *perceptos* e *afetos*² daquilo que o afetou, extraíndo *afetos* da natureza, da vida cotidiana ou de uma obra de arte. Do que percebemos que um ser de sensação não está necessariamente (embora certamente) na obra de arte e do que posso afirmar que Seu Mané Torto, no momento daquele encontro era um ser de sensação e nosso encontro gerou um campo intensivo³ que posso chamar de poesia e mais, de poesia do cotidiano. O artista plástico Alexandre da Cunha faz instalações de extremo requinte transformando garrafas plásticas em luxuosos cristais, em outras palavras, ele extrai *afetos* e devires de um material descartável.

Aquele encontro tinha, para mim, um objetivo: a observação de sua corporeidade e suas histórias para posterior mimese das mesmas. Seu Mané Torto seguiu sua existência em plenitude na cidade de Jaraguá e, daquele encontro, eu trouxe comigo a eternidade daquele momento intenso, além de suportes para presentificar minha memória, como gravações em áudio de sua voz, fotografias e anotações em diário de trabalho.

A mimese de Seu Mané Torto nada mais é que o emparelhamento (que ocorre no meu corpo em ação), de zonas de vizinhança daquilo que se eternizou do encontro com ele, tendo como suporte as imagens fotografadas, o som e as anotações em diário, e do meu corpo em fluxo. De maneira sintética: eu produzo micro-ações (recriando um corpo-em-arte), as desacelero e as percebo em suas sutilezas, adentro na presentificação da zona poética Seu Mané Torto, desacelero as sensações presentificadas e por fim equalizo a zona poética presentificada com a zona poética do meu corpo-em-arte, criando uma nova zona poética em corpo, ou ainda, recriando a zona poética Seu Mané Torto no meu corpo, ou seja, *corpoetizando* aquela intensidade eternizada.

Agora peguemos o exemplo da poesia de Alphonsus de Guimaraens. Assim como Seu Mané Torto, ela é um ser de sensação. A repetição “*Pobre Alphonsus*” me prende e toma de curiosidade. Quem é este pobre homem poeta Alphonsus? Embarco em sua musicalidade e ela me diz algo, me sensibiliza algo, me simboliza algo, no corpo, na respiração. Que vida teve este auto-definido pobre homem? Que poesia deixou este meu pobre bisavô? Que corpo terá esta poesia?...

O ser de sensação⁴ A *Catedral* está eternizado em mim desde o dia em que, há aproximadamente vinte anos, percebi que a catedral era a recriação simbólica de sua amada morta. A partir de então, a cada nova leitura, recrio imagens sobrepostas da catedral, da mulher amada em cintilantes raios de luz e do plano do sofrimento que acompanha o choro ladainha de Alphonsus. Mas a cada nova leitura, presentifica-se a memória daquela primeira tomada abrupta que, por lances de segundos me fez entrar no fluxo de sensações do poema como um todo.

Os figurais da poesia se apresentam para mim como figurais imagéticos e me transportam para um plano que se atualiza somente em meu pensamento. No entanto, meu objetivo, semelhante àquele relativo a Seu Mané Torto, é a mimese da poesia, ou seja, a mimese da palavra, sem mais os recursos do encontro com a pessoa, as sensações vividas neste encontro, as fotografias, etc. Logo, meu pensamento tem que ser corpo e tem que pensar em fluxo de ação; tem que ser ação.

Pressupomos o que já foi dito anteriormente sobre a criação de micro-ações em intensidade, o que permitirá a entrada em um campo de sensações e a concomitante aproximação dos devires imagens poéticas.

Imagens transbordam o pensamento-corpo de maneira caótica, por isso, a desaceleração se faz novamente necessária. Mas desacelero em que ponto? Em pontos que me afetam, como os

pontos que afetam Roland Barthes em cada exemplo de fotografia que ele vê. Suponhamos que aquilo que me afeta seja a imagem da mulher amada toda branca de sol. Em um lapso de segundos essa imagem se atualiza em pensamento, eu a fisgo, desacelero e, em fração de segundos a deixo ser corpo, ser imagem plena corporificada e em ação. Neste caso, a mimese da palavra toma uma dimensão infinita, pois cada lapso de pensamento pode vir a ser uma imagem fotografada na memória ou pode se atualizar em movimento, em dinâmicas, ou pode ser hiper-penetrada, como um microscópio de imagem que adentra no campo da gota de orvalho, por exemplo, etc. Por outro lado, a mesma infinitude se dá no corpo, que *repoetiza* a poesia, que pensa a poesia poeticamente em ação, que adentra em campos de intensidade a cada nova imagem dançada, recriando poesia, re-poetizando, recriando poesia no corpo, corpoetizando.

Bibliografia:

- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 4. Trad. Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- FERRACINI, Renato. **Café com Queijo: Corpos em Criação**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose; um novo paradigma estético**. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992.
- GUIMARARENS, Alphonsus de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960.
- HIRSON, Raquel Scotti. **Tal Qual Apanhei do Pé – uma atriz do Lume em pesquisa**. São Paulo: Hucitec, 2006.

¹ O devir não produz outra coisa senão ele próprio. [...] O que é real é o próprio devir, o bloco de devir, e não os termos supostamente fixos pelos quais passaria aquele que se torna. O devir pode e deve ser qualificado como devir-animal sem ter um termo que seria o animal que se tornou. O devir-animal do homem é real, sem que seja real o animal que ele se torna; [...] (DELEUZE e GUATTARI, 1997: 18).

² [...] o bloco de percepto e afeto, através da composição estética, aglomera em uma mesma apreensão transversal o sujeito e o objeto, o eu e o outro, o material e o incorporeal, o antes e o depois... Em suma, o afeto não é questão de discursividade, mas de existência (GUATTARI, 1992: 118).

³ [...] essa zona intensiva – Plano de Consistência – não produz sujeitos fixos e possuidores de uma identidade que permeia o tempo/espço da existência, como acontece no Plano de Organização, mas gera acontecimentos, que podem se coletivos ou singulares, realizando-se em uma *subjetivação sem sujeito* (FERRACINI, 2006: 140).

⁴ A obra de arte é um ser de sensação e nada mais: ela existe em si (DELEUZE E GUATTARI em FERRACINI, 2006: 93).